

Estrutura e Sujeito no Materialismo Histórico: Um Debate entre Louis Althusser e Edward Thompson

Julia Pantin da Silva¹

1. Resumo

Destacam-se os principais argumentos de Louis Althusser e E P Thompson, acerca da estrutura e sujeito enquanto princípios determinantes do materialismo histórico; isto é, procura-se identificar qual o ‘móvel da história’. Este debate, originado pela emergência do estruturalismo francês e motivado pelas críticas ao regime estalinista, perpassa desde questões sobre a natureza do conhecimento histórico até o estatuto de outros conceitos essenciais ao marxismo, como contradição, luta de classes e modo de produção.

Palavras Chave: Materialismo histórico, Estruturalismo, Historiografia

2. Introdução

A questão estrutura e sujeito refere-se à procura de definir qual o princípio determinante das mudanças sociais: ou a experiência dos sujeitos, ou as condições estruturais cristalizadas pela contradição entre forças e relações de produção. A partir da década de 1950, a questão ganha particular importância política diante da publicação do relatório Krushev na União Soviética, que revelou os crimes de Stalin, e a invasão da Hungria, acontecimentos que abriram uma crise na URSS, pondo à prova as teses antes consolidadas sobre a natureza da transição ao socialismo. Assim, também com a emergência de novas experiências socialistas, especialmente a revolução chinesa, a teoria do materialismo histórico, que classicamente havia formulado teses a partir da experiência soviética, precisa se reformular.

Perry Anderson indica, em *Crise da Crise do Marxismo*, todo este processo histórico.² As teses clássicas sobre a luta de classes no materialismo dialético são postas em questionamento, principalmente por Althusser, que, enquanto representante do estruturalismo francês inaugura nova tendência filosófica no interior do marxismo. Isto é, afasta-se do existencialismo francês e questiona o conceito vigente de humanismo. Em Althusser, há referências sobre a contradição de Mao Tsé

¹ Graduanda de Economia na Unicamp, Campinas. Artigo elaborado a partir da iniciação científica desenvolvida com apoio do CNPq- PIBIC sob orientação do prof. Dr. Carlos Alberto Cordovano Vieira.

² Cf, Anderson, 1985, p. 37, 38

Tung, mas no geral, se percebe um afastamento da questão humanista, da qual Marx teria tratado apenas nas obras de juventude. O materialismo histórico, então, inaugurado com um corte epistemológico a partir de *A ideologia Alemã*, teria organizado cientificamente os conceitos de força de produção, relações de produção, sendo capaz de revelar a estrutura de cada modo de produção, a partir de um corte sincrônico no tempo. Assim, a história passa a ser considerada uma ciência, onde a importância dos sujeitos é reduzida em relação a importância que adquire a análise estrutural da reprodução econômica.

Porém, os sentidos epistemológico e político destas teses são questionados por Edward Thompson, que considera problemática a recusa de Althusser em lidar com dados históricos empíricos, formulando conceitos deveras rígidos que não captam as modificações sociais: para Thompson, a análise histórica não pode recusar o diálogo entre ser e consciência social, tendo, portanto, que considerar a experiência e a moral dos indivíduos concretos. Assim, se Althusser não trata do humanismo em dado momento histórico, não pode realizar uma crítica apropriada do stalinismo enquanto sistema ditatorial, e, portanto, não seria possível pensar em uma era pós estalinista.

A leitura dos principais argumentos deste complexo debate constitui o objeto de pesquisa deste artigo, fruto de uma iniciação científica (PIBIq/ CNPQ), e são apresentados mais detalhadamente nas seguintes seções: primeiro se apresenta a construção teórica de Althusser e sua concepção do materialismo histórico; em seguida, reconstitui-se a crítica de Edward Thompson, a partir dos eixos epistemológico e político; por fim, dedica-se uma seção à análise da conjuntura histórica na década de 1960, inserindo então este debate como diferentes posicionamentos acerca da crítica ao culto da personalidade, a partir do Relatório Krushev de 1956 e da situação do humanismo na União Soviética.

3. O planetário de Althusser

Althusser foi um filósofo de origem franco-argelina. Nos anos 1940 entrou para a *Ecolle Normale Supérieure*, bem como filiou-se ao *Partido Comunista Francês (PCF)*, ao qual trouxe polêmicas contribuições na década de 1960, ao qualificar de maneira original a contradição e a dialética em Marx.³ Suas teses são influenciadas em certa medida pelas obras de Mao Tsé Tung, que considera a contradição como proveniente de múltiplas determinações (sobredeterminada), o que ressalta o impacto da Revolução Chinesa como ponto de inflexão na experiência socialista.

Esta iniciação científica recortou as obras dos anos 1960, *A favor de Marx* (1965) e *Ler o Capital* (1979-1980) (esta com as colaborações de Balibar e Rancière, entre outros), que contém as

³ Cf. Lewis, William, "Louis Althusser", The Stanford Encyclopedia of Philosophy (Spring 2018 Edition),

argumentações sobre o corte epistemológico na obra de Marx, bem como as considerações sobre a formulação científica dos conceitos históricos, a partir da leitura filosófica implícita em *O Capital*. Neste projeto, a construção epistemológica de Althusser ganhou destaque, e seus principais resultados são expostos a seguir. Entende-se que a concepção de ciência é central para a obra do filósofo e vem a orientar todas as suas proposições acerca do materialismo histórico, bem como tem precedência no debate político posterior, a partir de Edward Thompson.

O ponto de partida para Althusser é a distinção entre práticas teóricas e ideológicas. Como desenvolvido no artigo ‘Sobre a Dialética Materialista’, que compõe o *A Favor de Marx* prática é considerada como a atividade de transformação de uma matéria prima, segundo meios de produção específicos, em produtos determinados. A ideologia é definida, ao mesmo tempo, como “*um sistema de representação (...) dotados de uma existência e um papel históricos no interior de uma sociedade dada*”, ou seja, um conjunto de representações não ordenadas. Já a prática teórica, que é a base para a cientificidade, opera segundo um método específico de produção de conhecimento, considerado por Althusser em termos de generalidades, que seriam etapas ou módulos do pensamento científico voltado à produção do conhecimento. Assim, os conceitos e abstrações, substratos ideológicos da Generalidade I, compõe a matéria prima para um método de ordenação (Generalidade II) que produzirá um produto final, sistematizado. Dessa maneira a ciência, enquanto modalidade do pensamento, opera transformando os conceitos ou representações, que antes compunham a ideologia, em um objeto específico a partir de sistematizações em um todo-concreto. Assim, embora haja articulações entre ciência e ideologia, a primeira é uma prática específica da prática teórica, que fornece os meios de perceber como os conceitos são articulados entre si. A transmutação da ideologia em um todo de pensamento organizado de maneira científica se dá então como uma descontinuidade⁴ na forma de organização dos conceitos abstratos, o que Althusser veio a caracterizar como um ‘corte epistemológico’.

Aqui, já se nota o distanciamento de Althusser de práticas teóricas qualificadas como empiristas. Como seria mais bem qualificado no volume 1 de *Para ler O Capital*⁵, o conhecimento, aqui, é definido como uma transformação do objeto. Ao contrário do que Althusser identifica com o empirismo, não haveria uma identificação momentânea com o objeto, real, feita por um sujeito cognoscente que apreende a realidade de maneira fenomenológica. Ao contrário, o conhecimento provém primeiramente de conceitos já abstratos, que devem ser transformados segundo um método

⁴ “A prática teórica de uma ciência distingue-se sempre claramente da prática teórica ideológica da sua pré-história: essa distinção toma a forma de descontinuidade ‘qualitativa’ teórica e histórica, que podemos designar, como Bachelard, pelo termo ‘cesura epistemológica’. Chamaremos de ‘teoria’ toda prática teórica científica. Denominaremos “teoria” (entre aspas) o sistema teórico determinado de uma ciência real (seus conceitos fundamentais em sua unidade mais ou menos contraditórias em um dado momento)” (ALTHUSSER, L., 1965, p. 145)

⁵ Cf. ALTHUSSER, 1979, vol. 1, p. 27; 34-36.

particular. Isto é, diferentemente do que supunham determinadas leituras da economia política, não é possível definir um campo homogêneo para os fenômenos econômicos, e procurar entendê-los diretamente a partir da observação empírica. Em Marx, com a filosofia do materialismo dialético, precisa se apropriar da realidade, colocando em evidência os conceitos, e arregimentando lhes articulações próprias que dão origem a um campo teórico fechado e sistemático ao redor de uma problemática específica. Em suas palavras:

Longe, portanto, de ser uma essência contraposta ao mundo material (faculdade de um sujeito transcendental puro), o ‘pensamento’ é um sistema real próprio, assentado e articulado no mundo real de uma sociedade histórica dada, que mantém relações determinadas com a natureza, em sistema específico, definido pelas condições de sua existência e sua prática, isto é, por uma estrutura própria, uma ‘combinação determinada’ existente entre sua matéria prima própria, seus meios de produção próprios e suas relações com as demais estruturas da sociedade.⁶

No limite, trata-se de uma polêmica, presente desde Marx, sobre a distinção entre objeto real e o objeto de pensamento. Para Althusser, seria empirismo a identificação do objeto real com o objeto de conhecimento. A ciência, a seu turno, deveria produzir os objetos de conhecimento, partindo das abstrações dadas pela ideologia. Em suma, o processo cognitivo propõe a questão de como se poderia vir a apropriar-se do objeto real.⁷

Com esta definição da prática de conhecimento, Althusser categoriza da obra de Marx, a partir dos cortes epistemológico que inauguram diferentes problemáticas, isto é, maneiras de organizar os conceitos enquanto um todo sistêmico. Assim, para Althusser, as obras depois 1845, (notadamente *A Ideologia Alemã*) inauguram novos conceitos, como forças produtivas, relações de produção, estrutura, que seriam ordenados de maneira sistemática, com uma dialética própria, na obra de maturidade de Marx, *O Capital*. Desta maneira, os conceitos históricos em Marx teriam nova formulação dentro do materialismo histórico, para Althusser, cujo desenvolvimento é acompanhado também por uma nova filosofia, o materialismo dialético. Com isso, ter-se-ia a formação de uma ciência na obra de Marx. Para Althusser, as obras anteriores a *A Ideologia Alemã* tem cunho ideológico, já que se apoiam em categorias antropológicas advindas de Feuerbach e não submetidas a uma sistematização própria, o que qualifica um humanismo idealista. Esta problemática, cuja preocupação central era o desenvolvimento da essência humana a partir de uma revolução permanente, seria abandonada no momento em que Marx desenvolvera sua ciência, com novo esquema para explicar o desenvolvimento histórico.

⁶ ALTHUSSER, 1979, vol 1, p. 43

⁷ Cf. ALTHUSSER, 1979, vol. 1, p. 41-44

Dessa forma, a obra de maior relevância de Marx, *O Capital*, opera com categorias próprias, estruturada por uma dialética (lei de movimento), distinta da Hegeliana⁸, e composta por princípios móveis próprios e distantes das formulações anteriores, que tinham também influência de Feuerbach. Como explicado no artigo *Contradição e Sobredeterminação* (1965) a contradição que move o processo histórico deixa de ter uma causa única, como em Hegel. Não se trata tampouco da tese de Feuerbach sobre o desenvolvimento da essência humana em direção à liberdade.

*A totalidade hegeliana é o desenvolvimento alienado de uma unidade simples, de um princípio simples, ele mesmo momento do desenvolvimento da Ideia; ela é, portanto, rigorosamente falando, o fenômeno, a manifestação de si desse princípio simples, que persiste em todas as suas manifestações.*⁹

Ao contrário, a particularidade do materialismo histórico para Althusser é partir de um todo complexo, com múltiplas determinações causais. A contradição é então sobredeterminada, já que as diferentes práticas sociais articulam-se entre si de maneiras diferentes, exercendo efeitos umas sobre as outras, “*determinando, ao mesmo tempo em que determinadas*”. Trata-se, convém fixar, de uma causalidade estrutural.

Aqui é possível delimitar a influência do pensamento de Mao Tsé Tung, que no artigo *On Contradiction*, de 1953, definia também a contradição como específica, onde se poderia também distinguir entre contradição primária ou secundária.

Em ‘*Contradição e Sobredeterminação*’ há também uma hipótese particular sobre a mudança social. Analisando o caso da revolução russa de 1917, a partir de escritos de Lenin, Althusser procura demonstrar que a teoria do elo mais fraco¹⁰, no limite, refere-se a um acúmulo de contradições. Isto é, a ruptura social só aconteceria quando as diferentes determinações causais entram em convulsão de maneira mais ou menos conjunta a partir de um estado de ruptura. Isto é, é quando um sistema acumula demasiados processos contraditórios insolúveis, tende a entrar em colapso. Com isso, Althusser a princípio parece conferir um estatuto à luta de classes como móvel da história:

Para que essa contradição se torne “ativa” no sentido forte, princípio de ruptura, é preciso tal acumulação de “circunstâncias” e de “correntes” que, seja qual for a origem e o sentido (e muitas delas são necessariamente, por sua origem e seu sentido, paradoxalmente alheias, até

⁸ Cf. ALTHUSSER, 1965, p. 87

⁹ ALTHUSSER, L.,” 1965, p. 163

¹⁰ Para Lenin, a revolução seria vitoriosa no país que acumulasse a maior soma de contradições durante a fase imperialista. Como nota Althusser, a Rússia se torna o país com maiores contradições, estando “prenhe” ao mesmo tempo de uma revolução proletária e burguesa. Contrariamente a teoria da transição vislumbrada nos manuscritos de Marx, a história não estaria progredindo pelo ‘lado mau’, isto é, o do maior progresso tecnológico e capitalista. É essa contraposição da formulação sobre a transição em Lenin que autoriza ver uma quebra com o desenvolvimento ‘etapista’ dos modos de produção. (Cf. ALTHUSSER, 1965, *Contradição e Sobredeterminação*, p. 80, 83, 84)

“absolutamente opostas” à revolução), elas “fundem-se” numa unidade de ruptura: quando atingem esse resultado de agrupar a imensa maioria das massas populares no assalto de um regime que suas classes dirigentes são incapazes de defender. (...) Quando nessa situação entra em jogo, no mesmo jogo, uma prodigiosa acumulação de “contradições” das quais algumas são radicalmente heterogêneas não tem todas a mesma origem, nem o mesmo sentido, nem o mesmo nível e lugar de aplicação, e que, no entanto, “se fundem” numa unidade de ruptura, não é mais possível falar da única virtude simples da contradição em geral.¹¹

Nota-se aqui ainda a ruptura com a visão etapista de transição de um modo de produção a outro, como se esperaria do esquema clássico do marxismo. A teoria de Stalin mesmo, em *Materialismo Histórico e Dialético*, preconizava que a transição se daria pelo desenvolvimento de um modo de produção, que tenderia a superar-se. Esta formulação de Althusser, em contraposição também às teses do partido comunista, postula que a ruptura com o modo de produção antigo não se dá de forma contínua. Ainda, com estas rupturas, é possível que haja “sobrevivências”, isto é, a superestrutura de uma formação social não precisa ser completamente destruída para dar origem uma base material de outro modo de produção. Althusser desenvolve este argumento analisando a particularidade da formação e do desenvolvimento desigual na Rússia¹², o que será mais bem exposto na seção final deste relatório¹³.

A segunda obra de Althusser tratada neste trabalho, *Para Ler O Capital*, se apresenta com certa continuidade com o que já fora desenvolvido anos antes em *A Favor de Marx*, embora se note que o papel atribuído à luta de classes é minimizado, sendo a Histórica caracterizada antes como um processo sem sujeito.

Antes de tudo, porém, convém pontuar qual o objeto de *Para ler O Capital*. Trata-se de uma tentativa de definir as especificidades da obra prima de Marx, *O Capital*. Atendo-se à teoria já exposta do corte epistemológico, parte-se da hipótese de que esta obra teria uma filosofia própria, o materialismo dialético. Entretanto, para Althusser, essa filosofia está implícita na obra de Marx, visto que não há nenhum escrito específico sobre o método marxiano. Althusser sugere então uma ‘leitura sintomal’¹⁴, que deveria destacar os conceitos e categorias presentes ao longo do texto e, ao mesmo tempo, colocá-los em articulação. Isto é, para pôr em evidência a filosofia da história

¹¹ ALTHUSSER, L., 1965, p. 77-78

¹² “Nossa questão exige, pois, mais que uma simples leitura literal, ainda que atenta; exige, isto sim, uma verdadeira leitura crítica, que aplique ao texto de Marx os próprios princípios dessa filosofia marxista que todavia procuramos em *O Capital*” (ALTHUSSER, L, 1979, vol 1, p. 8)

¹³ Ver p. 13, Considerações finais: o sentido do debate e a crítica ao stalinismo

¹⁴ Cf. ALTHUSSER, 1979, vol 1, p. 27, 32.

contida em *O Capital*, é necessário primeiro destacar-lhe os conceitos próprios e em seguida pô-los em sua articulação particular.

Isto é, é preciso reconhecer que o conhecimento em *O Capital* não se resume a uma análise histórica. É antes um estudo da sociedade capitalista atual desde sua gênese, e para isso recorre a múltiplas disciplinas. Refuta-se assim, em conformidade com as teses de *A Favor de Marx*, tanto o historicismo como o empirismo e o humanismo. Isto porque a crítica da economia política em *O Capital*, como coloca Rancière (1979) difere da crítica em *Os Manuscritos* porque já não se apoia em categorias antropológicas que buscassem definir as necessidades do homem, o ‘humanismo idealista’, e nem é um estudo próprio dos desenvolvimentos das formas históricas a partir de dados empíricos ou um levantamento de estudos e escritos sistemáticos. A economia não mais serve ao empirismo da economia política clássica, que pretendia definir um campo homogêneo de análise de fenômenos particularmente econômicos, e enquanto tal, isoláveis de maneira homogênea da totalidade social. Em particular, *O Capital*, pretende descrever as leis imanentes de movimento e desenvolvimento da sociedade capitalista, partindo para isto da dialética particular ao materialismo histórico, pautada primeiramente na já definida causalidade estrutural. Para tanto, deve-se recorrer a um corte sincrônico, isto é, é necessário recortar o momento histórico e analisar-lhe as articulações a partir da totalidade. Assim, a ciência da história é capaz de fornecer a teoria da articulação entre diversos elementos, como base econômica, superestrutura e formas de consciência social (classes sociais), além de estabelecer os cortes precisos no tempo histórico, rupturas que diferenciam cada modo de produção.

Mais propriamente sobre as descobertas de Marx, segundo Althusser e Balibar,¹⁵ a sociedade burguesa teria como determinante em última instância, a economia. Isto porque as relações sociais só são definidas a partir do processo de trabalho (que põe em relação o trabalhador com os meios de produção) e do processo de apropriação (que pela forma de propriedade significa a apropriação de mais trabalho pelo não trabalhador). A produção, assim, é por si mesma uma estrutura complexa, causa cujos efeitos reverberam em outros elementos como a consciência social e as relações sociais, condicionadas em sua base pelas necessidades econômicas.

Equivale a dizer que, se a estrutura das relações de produção determina o econômico como tal, a definição do conceito das relações de produção de um modo de produção determinado passa necessariamente pela definição do conceito de totalidade dos níveis distintos da sociedade, e de seu tipo de articulação (isso é, de eficácia) própria.¹⁶

e ainda:

¹⁵ Cf, BALIBAR, 1979, vol 1, p. 171

¹⁶ ALTHUSSER, 1979, p. 130

Elaborar o conceito de econômico é defini-lo rigorosamente como nível, instância ou região da estrutura de um modo de produção: é, pois, definir o seu lugar, a sua extensão e os seus limites próprios nessa estrutura; é, se quisermos tomar a velha imagem platônica, ‘recortar’ a região do econômico na estrutura do todo, segundo a sua articulação própria, *sem se enganar com a articulação*. O ‘recorte’ do dado ou recorte empirista, engana-se sempre com a articulação, precisamente porque sobre o ‘real’ as articulações e o recorte arbitrários da ideologia que o sustenta.¹⁷

¹⁸Portanto, se as relações sociais são constituídas a partir destes elementos já dados, as classes sociais ou os indivíduos concretos não podem ser considerados os agentes, móveis da história, uma vez que aparecem subordinados a processos já articulados de maneira estrutural. Assim, os indivíduos, diferentemente do que se afirmava nas obras de juventude, não são mais o centro de um processo histórico, já que este agora se dá de maneira complexa a partir da articulação de diferentes práticas, cada qual com relativa autonomia e ritmo de desenvolvimento. Rompe-se aqui, de maneira absoluta com o dito humanismo, que buscava na essência do homem, enquanto indivíduo concreto, as determinações do processo de mudança social ou evolução econômica:

Os verdadeiros sujeitos (no sentido de constituintes do processo) não são, pois, contrariamente a todas as aparências, as da antropologia ingênua, os ‘indivíduos’ concretos, mas a definição e a distribuição desses lugares e destas funções. Os verdadeiros sujeitos são, pois, esses definidores e distribuidores: as relações de produção¹⁹

Em resumo, a filosofia de Althusser ao buscar definir a especificidade do objeto de *O Capital* trouxe uma nova concepção de história, científica e sistematizada. Um discurso que acentua o papel da estrutura e suas diversas articulações, ao mesmo tempo em que dissolve o protagonismo do sujeito como móvel da história. De tal forma, os indivíduos concretos encontram-se diluídos no meio destes processos de produção e reprodução que mantém a estrutura complexa, a partir da determinação do econômico. Como nota Balibar: “Os homens só aparecem na teoria sob a forma de suportes das relações implicadas na estrutura, e as formas de sua individualidade como efeitos determinados da estrutura.” (BALIBAR, E. 1979, vol. 2, p. 214)

4. As Críticas de E. P. Thompson

Nesta iniciação científica, trabalhou-se o livro *Miséria da Teoria: Ou Um Planetário de Erros*, onde Thompson critica em quatro pontos o pensamento de Althusser: 1. Questiona-se a especificidade e com isso a validade da epistemologia althusseriana; 2. Postula-se que sem o termo ‘experiência’, o sistema teórico se converte em idealismo 3. Nega-se o anti historicismo de Althusser, que se

¹⁷ ALTHUSSER, 1919, vol 2, p. 129

¹⁸ ALTHUSSER, L, 1979, vol 2 p. 129

¹⁹ ALTHUSSER, 1979, vol 2, p. 130

assemelha aos argumentos de Popper. 4. Considera-se que o estruturalismo não lida com conceitos essenciais ao materialismo histórico, e, com isso, não consegue uma análise devidamente crítica ao período stalinista.²⁰ Em resumo, Thompson considera que o sistema teórico de Althusser é incapaz de captar a mudanças sociais, uma vez que, descartando o termo experiência, entendido como mediação necessária entre os acontecimentos históricos e a formulação (mental ou emocional) de categorias abstratas, se afasta de uma concepção de materialismo histórico capaz de apreender a totalidade de uma formação social.

Assim, para Thompson, a concepção epistemológica de Althusser estaria errônea, uma vez que descarta a utilização das evidências históricas. Trata-se de uma concepção equívoca sobre o empirismo, que procura separar o objeto real do objeto de conhecimento, mas não consegue mediações necessárias entre o universo conceitual, ideologicamente isolado como matéria prima do conhecimento na generalidade 1, e a realidade histórica concreta. Isto é, para Thompson, a teoria de Althusser sobre a produção de conhecimentos é demasiado idealista; e, desconsiderando dessa forma as mediações entre acontecimentos vividos pelos sujeitos e a elaboração do ferramental analítico- conceitual correspondente, o materialismo proposto se torna demasiado academicista e incapaz de captar as nuances históricas.

Nossa preocupação, mais comumente, é com múltiplas evidências, cuja inter-relação é, inclusive, objeto de nossa investigação. (...) Essa agitação, esses acontecimentos se estão dentro do 'ser social', com frequência parecem chocar-se, lançar-se sobre, romper-se contra a consciência social existente. Propõe novos problemas e, acima de tudo, dão origem continuamente à *experiência* - uma categoria que, por mais imperfeita que seja, é indispensável ao historiador, já que compreende a resposta mental e emocional, seja de um indivíduo ou um grupo social, a muitos acontecimentos inter-relacionados ou a muitas repetições do mesmo tipo de acontecimentos.²¹

Assim, para Thompson o conhecimento não está restrito a uma prática teórica, podendo ser forjam diante de múltiplas situações e vivências dos sujeitos. A fim de que seja possível formular o conhecimento teórico, o pesquisador da história deve então contrapor múltiplas evidências históricas, estas que originam a consciência social, que por sua vez (e por isso um diálogo) exercem novamente pressão sobre o ser social, moldando-lhe a vivência de cada acontecimento histórico. O erro principal de Althusser, enfatiza-se, é a ausência desta forma de observação empírica, que molda em princípio as categorias do pensamento:

O que Althusser negligencia é o diálogo entre ser e consciência social. Obviamente, este diálogo se processa em ambas as direções. Se o ser social não é uma mesa inerte que não

²⁰ Cf. THOMPSON, p. 12 e 13

²¹ THOMPSON, E. P., 1981, p. 15

pode refutar um filósofo e suas pernas, tampouco a consciência social é um recipiente passivo de ‘reflexões’ daquela mesa. Evidentemente, a consciência, seja como cultura não autoconsciente ou como mito, ou como ciência, ou lei, ou ideologia articulada, atua de volta sobre o ser social, por sua vez: assim como o ser social é pensado, também o pensamento é vivido – as pessoas podem, dentro de limites, viver as experiências sociais ou sexuais que lhes são impostas pelas categorias conceituais dominantes.²²

Assim, na visão de Thompson, sem diálogo entre consciência e ser social, a epistemologia de Althusser se afasta do materialismo histórico, que deve viabilizar a crítica da totalidade social. E, em tal grau estas teorizações não correspondem ao projeto do materialismo que Thompson chega a comparar seu anti historicismo e anti empirismo com os desenvolvimentos de Popper, um ávido opositor das formulações marxistas sobre a invalidade do conhecimento histórico. Para este, as ciências deveriam basear-se na capacidade de falseamento de hipóteses. Na história, contudo, dada a contingencialidade dos acontecimentos (existem causas necessárias, mas nunca suficientes na reconstituição de uma narrativa), o historiador é obrigado a formular proposições gerais para a interpretação, partindo de categorias ‘holísticas’²³ de difícil comprovação.

Segundo Popper, não podemos conhecer a ‘história’, ou no máximo, podemos conhecer apenas fatos isolados (e os que sobrevivem através de sua própria auto seleção; ou seleção histórica). A interpretação consiste na inserção de um ponto de vista: este pode ser legítimo (em outras bases) mas não constitui nenhum conhecimento histórico verdadeiro.²⁴

Embora a análise de Althusser não caia nas armadilhas de voluntarismo, o filósofo também chega a afirmar a invalidez das provas históricas, já que estas, por si mesmas não trariam proposições para o estabelecimento de nexos causais. Assim, para Thompson, estes dois filósofos negam a história como um processo social em permanente transformação bem como a possibilidade de formar sínteses precisas, dadas a contingencialidade das múltiplas determinações causais. Em síntese:

Tanto Popper (a) como Althusser (b) afirmam a incognoscibilidade da história como processo que encerra sua própria causação, já que (a) qualquer noção de estruturas e mediações estruturais acarreta atribuições ‘holísticas’ impróprias e as noções ‘historicistas’ de causação e de processo são inverificáveis pelos testes experimentais; ou uma vez que (b) a noção que o conhecimento ‘já está realmente presente no objeto real que deve conhecer’ é

²² THOMPSON, E. P., 1981, p. 17

²³ É importante remarcar também que a teoria do conhecimento em Popper se mostra contrária a todas as categorias de construção coletiva, já que propõe que todas as evidências históricas são registros deixados a partir da intencionalidade dos agentes, de forma que o processo histórico será constituído principalmente por ações individuais.

²⁴ THOMPSON, E.P., 1981, p. 30

uma ilusão do empirismo ‘abstracionista’, que toma erroneamente as suas próprias atribuições ideológicas como descobertas empíricas.²⁵

Porém, argumenta Thompson, em oposição ao anti historicismo de Althusser e Popper, apesar das inúmeras determinações, a história continua unitária, e a investigação racional deve ser capaz de revelar o processo histórico, com sua lógica própria para captar o processo histórico, ao mesmo tempo em que sua estrutura. Para tanto, o pesquisador deve valer-se de categorias elásticas para apreender a causação, contradição, mediação e organização sistêmica. Assim, ao estudar o processo histórico, e tendo como objeto as modificações sociais, o pesquisador da História não pode adotar categorias demasiado rígidas, ditas de estase, cujos conceitos não mudem de valor conforme as modificações na sociedade. O diálogo entre ser e consciência social adquire então o caráter de uma genealogia dos valores²⁶, já que, mesmo que o passado não se altere, a interpretação preconizada pelos pesquisadores sobre a relevância daqueles acontecimentos está sujeita a modificações conforme o momento histórico vivido, dadas as questões sociais latentes em dado período.²⁷

Nesse sentido, Althusser teria errado ao ver mescladas, em *O Capital*, a teoria da história e a da economia. Questiona-se então a hipótese do ‘corte epistemológico’, já que, para Thompson, há um empobrecimento nas teses de Marx a partir de 1845, não a constituição de uma teoria nova e plenamente constituída do materialismo histórico. Thompson sugere que *A Ideologia Alemã, A Miséria da filosofia e o Manifesto Comunista* contém análises necessárias sobre as escolhas individuais e a agência histórica, essenciais para o desenvolvimento de uma crítica da moral e da cultura, que vem a constituir materiais necessários à experiência.

Marx foi colhido por uma armadilha, a armadilha da economia política. Ou, mais exatamente, ele foi sugado por um redemoinho teórico e, apesar de toda a energia com que agita os braços e nada contra a corrente, fica girando em torno de um vórtice que ameaça engoli-lo. Valor, capital e trabalho, dinheiro, valor estão sempre reaparecendo, são interrogados, recategorizados, para voltar mais uma vez no mesmo movimento circular das mesmas velhas formas, para o mesmo interrogatório. E nunca pude concordar que *tinha* de ser assim, que o pensamento de Marx só se poderia ter desenvolvido dessa maneira. Quando examinamos as deficiências filosóficas da década de 1840, e as proposições que informam *A Ideologia Alemã* e *O Manifesto Comunista*, parece haver indicações de estase, e mesmo regresso, nos quinze anos seguintes. Apesar da significação da *batalha econômica* no *Grundrisse*, e apesar das ricas hipóteses que surgem em seus interstícios (quanto às

²⁵ THOMPSON, E. P., 1981, p. 43

²⁶ “A explicar como a história é determinada de maneiras que se chocam com as intenções conscientes de seus sujeitos” (THOMPSON, E. P., 1981, p. 182)

²⁷ “Podemos admitir não só que tais julgamentos, como sobre o “significado” da história, são uma atividade própria e importante, uma maneira pela qual os atores de hoje identificam seus valores e metas, mas que são também uma atividade inevitável. Isto é, as preocupações de cada geração, sexo ou classe devem inevitavelmente ter um conteúdo normativo, que encontrará expressão nas perguntas feitas as evidências.” (THOMPSON, E. P., 1981, p.51)

formações pré capitalistas etc), há alguma coisa de obsessivo na luta de Marx com a economia política.²⁸

Assim, o que Althusser via como a plenitude constituída do materialismo histórico em *O Capital*, Thompson considera apenas um distanciamento em relação à análise mais importante e relevante, a ser calcada no termo experiência e suas consequências epistemológicas para o estudo da história e das formas sociais.

A experiência (descobrimos) foi, em última instância, gerada na ‘vida material’; foi estruturada em termos de classe, e, conseqüentemente, o ‘ser social’ determinou a ‘consciência social’. *La Structure* ainda domina a experiência, mas dessa perspectiva sua influência determinada é pequena. As maneiras pelas quais qualquer geração viva, em qualquer ‘agora’, ‘manipula’ a experiência desafiam a previsão e fogem a qualquer determinação estrita da determinação.

Creio que descobrimos uma outra coisa, de significação ainda maior para todo o projeto do socialismo. Introduzi, algumas páginas atrás, outro termo necessário, ‘cultura’. E verificamos que, com ‘experiência’ e ‘cultura’, estamos num ponto de junção de outro tipo. Pois as pessoas não experimentam sua própria experiência apenas como ideias no âmbito do pensamento e de seus procedimentos, ou (como supõe alguns participantes teóricos) como instinto proletário etc. Elas também experimentam sua experiência como sentimento e lidam com esses sentimentos na cultura, como valores (ou através de formas mais elaboradas) na arte ou nas convicções religiosas. Essa metade de cultura (e é uma metade completa) pode ser descrita como consciência moral e afetiva.²⁹

A contradição então passa a ser definida então como conflito de interesse e valores, e os indivíduos são considerados sujeitos de suas escolhas, ainda que estas sejam determinadas em alguma instância. A implicação política destas considerações teóricas é que o futuro do socialismo não está garantido, e deve ser fruto das escolhas e da configuração moral de cada sociedade em cada momento histórico. Ao mesmo tempo, conclui-se que a prática teórica do estruturalismo reproduz lacunas morais do estalinismo: isto é, não pauta o debate em termos políticos, e esta tendência ameaça contaminar toda a prática política marxista.

5. Considerações finais: o sentido do debate e a crítica ao stalinismo

Tendo exposto os principais desenvolvimentos deste debate, percebe-se que os dois autores seguem uma estrutura de argumentação similar que permite inferir o problema histórico de fundo sobre o

²⁸ THOMPSON, 1981, p. 71

²⁹ THOMPSON, E. P., 1981, p. 189

qual se ocupam: a crítica ao culto da personalidade e as possibilidades para construção do socialismo. Isto é, em um primeiro momento os autores partem de considerações epistemológicas e distintas abordagens sobre o fazer científico, procurando situar o papel da teoria dentro da prática marxista. Assim, tendo determinado com isso também a especificidade do materialismo histórico, e a natureza intrínseca da contradição, partem para proposições para o futuro do marxismo, contando também com diagnósticos claros acerca do estado de desenvolvimento do socialismo na União Soviética, à luz também de outras experiências revolucionárias. Como ressaltado anteriormente, a publicação do Relatório Krushev em 1956, com a revelação dos crimes de Stalin, e invasão de Budapeste provocam uma cisão na visão predominante do marxismo ocidental, que será abalada sobretudo pela experiência chinesa.

É nesse sentido que podemos situar o debate de Althusser acerca do humanismo e sua defesa categórica de uma prática teórica como proposta para a política marxista. No artigo *Marxismo e Humanismo*, que compõe o *A Favor de Marx*, o filósofo considera que em uma sociedade de classes, como a URSS, o humanismo socialista estaria superado, já que na formulação de Marx este se referia a ditadura do proletariado. Diante da dissolução de classes na União Soviética ter-se-ia então um humanismo da pessoa, mais próximo da social democracia do que da teoria do comunismo. O Humanismo socialista continuaria em exercício, a partir da Ditadura do Proletariado na China. O problema de uma crítica ao culto da personalidade a partir do princípio do humanismo socialista, como estava sendo realizada pelo Partido Comunista Francês (PCF) logo na primeira década de 1960 reside, para Althusser, na natureza científica distinta destes conceitos. Isto é, o socialismo tem uma natureza científica, enquanto o humanismo é puramente ideológico. Nas obras de juventude de Marx, que o PCF recuperara para reformular suas teses, o humanismo tem concepções advindas de Hegel em um primeiro momento e após, com Feuerbach. Mas, a partir de 1845, tem-se com *A Ideologia Alemã*, um corte epistemológico que inaugura uma teoria da história com termos novos. Com isso, há também a crítica a toda pretensão teórica do humanismo, e a crítica radical do humanismo como ideologia. Trata-se de uma ruptura com o idealismo da essência (não existe uma natureza humana, uma essência que seria atributo de todos os indivíduos tomados isoladamente). O humanismo como ideologia significa antes um sistema de representações para a sociedade. Mas o materialismo histórico como ciência ocupa-se de um objeto maior: a sociedade como um todo complexo dado. A teses correntes no marxismo da década de 1960 que pautam-se no resgate do humanismo da pessoa, criticando em termos morais o culto da personalidade³⁰ cometem então o erro de deixar de lado a natureza científica do materialismo, sua prática teórica. Estes

³⁰ “No humanismo socialista da pessoa, a União Soviética toma por sua conta a superação do período da ditadura do proletariado assim como rejeita e condena seus abusos, as formas aberrantes e criminosas que ela tomou no período do ‘culto da personalidade’” (ALTHUSSER, L, 1965, p. 210)

problemas de determinação histórica deveriam ser propostos em termos de uma teoria, defende Althusser, não como simples crítica moral. Assim, o fim do dogmatismo de Stalin deveria ensejar uma nova construção teórica. Como pontua no prefácio de *A Favor de Marx*, acusando o PCF de vacuidade teórica e epistemológica.

Continuando a defesa de uma formulação teórica para diagnóstico das dificuldades enfrentadas à época pelo processo histórico de constituição do socialismo na União Soviética, Althusser defende, em ‘Contradição e Sobredeterminação’, que a tradição marxista já tinha, frente àquela situação, conceitos suficientes para explicar a situação atual; revitalizando a teoria de Lenin sobre o elo mais fraco, Althusser explica então a Revolução Russa de 1917 como um acúmulo de contradições, o que criaria uma unidade disruptiva. Com este ataque das massas ao sistema já estabelecido, tem-se a constituição de uma nova base econômica. Mas como a contradição é sempre sobredeterminada, e a unidade disruptiva aparece como um acúmulo de contradições de natureza diversa, nem sempre uma revolução consegue resolver as diferentes determinações colocadas pelo meio. Isto dá origem a ‘sobrevivências’, isto é, permanência de elementos das formações anteriores, primeiramente porque uma revolução na estrutura não modifica *ipsu facto* as superestruturas existentes e, em segundo, a nova sociedade revolucionária pode provocar ela mesma o resgate de elementos antigos. Dessa maneira, a eclosão do stalinismo na União Soviética poderia ter relação com o passado czarista, e, novamente, seria necessário, antes de uma crítica moral, um desenvolvimento teórico para a investigação:

Parece-me, por exemplo, para não iludir a [questão] mais quente, que quando se coloca a questão de saber como o povo russo tão generoso e altivo, pôde suportar numa tão vasta escala os crimes da repressão estalinista, mesmo como o partido bolchevique pôde tolerá-los; sem falar na última interrogação: como um dirigente comunista pôde ordená-los? É preciso renunciar à toda lógica da ‘superação’, ou renunciar a dizer a primeira palavra sobre isso. Mas ai, ainda está claro que, teoricamente, ainda exista muito a fazer.³¹

Contrariamente, E. P Thompson rejeita a proposição de que uma crítica seria possível por meios teóricos. O materialismo histórico, em sua visão, não é uma ciência, e deve recorrer à crítica da cultura e da moral, possível a partir da experiência e das categorias históricas mais flexíveis de modo a dar conta dos processos de modificação social. Por isso, procura também uma genealogia para o pensamento estruturalista, enquanto ideologia, caracterizado pela análise sincrônica e personalizado nos esforços teóricos de Althusser. Thompson então periodiza o materialismo histórico, procurando inserir-lhe os desenvolvimentos teóricos na conjuntura política que lhe deu origem: antes da primeira guerra mundial, identifica-se uma tendência evolucionista, já que o

³¹ ALTHUSSER, 1965, p. 102

movimento socialista foi crescendo em importância e em alcance; com a vitoriosa revolução russa, inaugura-se uma tendência voluntarista, que pauta-se na liberdade da ação e crença de expansão da revolução; a guerra fria, contudo, é um arrefecimento das lutas socialistas, em que pese as lutas na periferia do capitalismo, visto que a história parece congelar-se em duas estruturas antagônicas socialismo x capitalismo.

Por mais de duas décadas todo impulso no sentido de um movimento de avanço independente, dentro de qualquer um dos blocos (Hungria 1956, Praga 1968, Chile 1973), foi suprimido com uma brutalidade que confirmou o paradigma da estase estrutural. Mesmo nas áreas do Terceiro Mundo em que as estruturas rivais se operavam por extensão diplomática, econômica e ideológica, o mesmo campo de força se fez sentir. Somente a imensa e enigmática presença da China escapou (ao custo do auto isolamento) dessa estase estrutural.³²

É nesse contexto, de congelamento sistêmico, que emerge o estruturalismo. À medida em que movimentos de avanço socialista independentes são repetidamente barrados contra os arrestados pela URSS, a história tende a cristalizar-se em duas estruturas antagônicas, de forma que o vocabulário estruturalista reflete o senso comum burguês. Sendo incapaz de lidar com valores morais e culturais, a teorização de Althusser, serviria, dessa forma, a um conservadorismo burguês, que recusa descrever a lógica do processo social, enquanto diálogo entre ser e consciência. Nesse sentido, também a teoria de Stalin não permitia uma crítica de valores morais, ao frisar a história como um processo sem sujeito, cujo movimento vem antes da base econômica do que das escolhas morais e políticas dos indivíduos. Assim, o estruturalismo de Althusser partilha a estase da guerra fria, e impede uma crítica ao stalinismo, que só poderia ser realizada a partir da análise histórica. O estruturalismo de Althusser impede uma revisão crítica do stalinismo:

Depois de 4 de novembro de 1956, quando as forças soviéticas invadiram Budapeste, iniciou-se uma ação disciplinar generalizada através do movimento comunista internacional: reimpor os controles disciplinares do Estado ou Partido, restabelecer a ortodoxia ideológica - na verdade, reconstruir, em condições modificadas, o stalinismo sem Stalin. Isto foi realizado em diferentes países, sob ritmos diferentes e de diferentes formas. Num lugar, uma evidente ação policial (Nagy morto a tiros, Tibor Dery preso, militantes anti-stalinistas dos Conselhos de Trabalhadores de Budapeste mortos ou presos); em outro, a expulsão dos "revisionistas", o fechamento das publicações dissidentes, o restabelecimento das mais rígidas normas stalinistas de centralismo democrático. Juntamente com isso houve, decerto, uma ação policial ideológica. O "principal inimigo" foi considerado como sendo não o trotskismo (tendência subordinada dentro da oposição) mas o "revisionismo", os "renegados", os "elementos pequeno burgueses", e seu vírus ideológico foi identificado como o "moralismo"

³² THOMPSON, E. P. 1981, p. 86

e com o "humanismo socialista". Assim, podemos ver a emergência do althusserismo como uma manifestação de uma ação policial geral dentro da ideologia, como a tentativa de restabelecer o stalinismo ao nível da teoria.³³

Nesse sentido, o stalinismo, enquanto lógica e ideologia, ainda ronda a sociedade europeia, e o marxismo precisa urgentemente realizar sua crítica, através da crítica de valores. Convém ressaltar que este é o problema do stalinismo, segundo o diagnóstico de Thompson:

Os aparelhos repressivo e ideológico do Estado Soviético, inibindo qualquer discussão aberta sobre valores, não só negaram à sociedade soviética os meios de se expressar e de se examinar a si mesma³⁴

A proposição de Thompson para o marxismo passa então pela crítica moral, banindo o distanciamento estabelecido por Althusser entre prática social e teórica:

O materialismo histórico e cultural não pode explicar a "moral" e colocá-la de lado como interesses de classe disfarçados, já que a noção de que todos os "interesses" podem ser classificados em objetivos materiais cientificamente determináveis não passa do mau hálito do utilitarismo. Interesse e aquilo que interessa as pessoas, inclusive o que lhes é mais caro. Um exame materialista dos valores deve situar-se não segundo proposições idealistas, mas face à permanência material da cultura: o modo de vida, e acima de tudo, as relações produtivas e familiares das pessoas. E isto é o que "nós" estamos fazendo, e há várias décadas³⁵

8. Referências bibliográficas

ALTHUSSER, Louis. A favor de Marx. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1965.

ALTHUSSER, Louis. Ler o capital. Coautoria de Jacques Rancière, Pierre Macherey; Tradução de Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1979-1980. 2 v. (Biblioteca de ciências sociais)

ANDERSON, P. A crise da crise do marxismo: introdução a um debate contemporâneo. 2a ed São Paulo, SP: Brasiliense; 1985

ANDERSON, P. Teoria, política e história: un debate con E. P. Thompson. México, DF: Siglo Veintiuno; c1985

³³ THOMPSON, E. P. 1981, p. 146

³⁴ THOMPSON, E P, 1981, p. 196

³⁵ THOMPSON, E. P., p. 194

Lewis, William, "Louis Althusser", *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Spring 2018 Edition), Edward N. Zalta (ed.), URL <https://plato.stanford.edu/archives/spr2018/entries/althusser/>, acesso em 23/07/2018

Mao T. On contradiction. 2. ed. Peking: Foreign Languages; 1953

STALIN, Joseph. materialismo dialetico e o materialismo historico. 4. ed. São Paulo, SP: Global, 1985

THOMPSON, E. P. A miseria da teoria ou um planetario de erros : uma critica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1981